



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

contínua digna de nota. Tem-se aqui uma nova e importante camada histórica a destacar. Silva (2009), em sua dissertação de mestrado, lembra que nas lutas pelo direito à terra, a Raposa Serra do Sol chamou a atenção do Brasil e do mundo. Principalmente após a decisão em área contínua. Na época, O Conselho Indigenista Missionário, Cimi Norte I, reconheceu que esse foi um dos passos mais significativos para assegurar o futuro desses povos. Diante disso, a festa das comunidades indígenas desperta, por suas características históricas, alto interesse dos meios de comunicação.

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) decidiu realizar a festa em comemoração a homologação em área contínua no dia do índio, em 19 de abril de 2010, cinco anos após a assinatura da homologação. Como dito, embora o decreto tenha sido assinado em 15 de abril de 2005, a festa não se realizou na época, devido aos conflitos gerados na região.

A própria natureza sócio-cultural da festa, insinua um processo comunicacional, a colocar em suspenso o cotidiano e a atividade produtiva, e a preencher esse espaço de ludicidade, agradecimento e alegria, em distintas formas de apresentação, por meio de músicas, cantos, danças, oralidades, comidas e bebidas, evocando tradições, mitos, crenças religiosas e heroísmos.

Pode-se dizer que a festa das diferentes etnias indígenas em Maturuca⁹⁴ produziu uma grande mensagem coletiva para a qual se voltou parte significativa da mídia. Essa linha de interpretação apóia-se no que José Marques de Melo⁹⁵ convoca como elementos que destacam a força fomentadora dos meios de comunicação diante das festas em três fluxos convergentes:

a) A festa enquanto ativadora das relações humanas, produzindo comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes. Trata-se de um fluxo de comunicação interpessoal.

b) A festa enquanto mobilizadora das relações entre os grupos primários e a coletividade, através das mediações tecnológicas propiciadas pelas indústrias midiáticas, em espaços geograficamente delimitados - locais, regionais, nacionais. Trata-se de um fluxo de comunicação massiva.

⁹⁴ A comunidade Maturuca é considerada o principal centro das ações políticas desencadeadas em defesa dos territórios indígenas no estado. Parte das lideranças fundadoras do CIR origina-se desta maloca ou aldeia.

⁹⁵ MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista11/projetos%2011-1.htm>. Acesso em 05 de março de 2014.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

c) A festa enquanto articuladora de relações institucionais, desencadeando iniciativas de entidades enraizadas comunitariamente e antenadas coletivamente, que decidem o que celebrar, em que circunstâncias, com que parceiros. Trata-se de um fluxo de intermediação comunicativa, produzindo a interação das comunicações interpessoais e massivas.

É importante dizer que todos os aspectos que construíram a história de organização e luta dos indígenas da região nos últimos trinta anos constituem a memória da festa dos “Filhos de Makunaimi”.

A festa mobilizou um grande número de convidados, notadamente dentre os que apoiaram a causa indígena. Naquele dia, Maturuca tornou-se a *upata*⁹⁶ de todos os povos indígenas, a casa de todas as etnias. As residências e terreiros dispostos em semicírculo em torno do pátio central foram ocupadas por pessoas, bagagens, redes, barracas e equipamentos. As setenta e duas famílias Makuxi que ali residem se misturaram aos diferentes rostos, expressões e idiomas.

Com a festa, a aldeia obteve o fornecimento de energia feito a motor. A água, descida das serras, chega encanada às casas, graças a um projeto liderado pelo tuxaua e financiado por uma organização estrangeira. A comunidade possui um telefone público, que deixa de funcionar a cada temporal que se abate sobre a região. Situada na região das serras, de acesso por estradas precárias, Maturuca inibe o isolamento apenas por meio do “orelhão” e do equipamento radioamador disponível no posto de saúde, que se interliga à unidade da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) em Boa Vista. Estas são as únicas formas de comunicação entre a aldeia e o seu exterior.

Na arquitetura do lugar se destacam um templo novo da igreja católica, especialmente erguido pela comunidade para celebrar a conquista da terra, e, na praça central, dois grandes malocões (estruturas artesanais, uma com dez e outra com 14 metros de altura, sustentadas em grandes esteios de madeira, com cobertura de palhas de buriti, sem paredes e de chão cimentado) que, ao abrigarem preferencialmente festas, reuniões e assembleias desta e de outras comunidades indígenas da região, constituem-se como um dos mais importantes espaços políticos da aldeia. Um malocão é denominado de

⁹⁶Termo utilizado por alguns Makuxi, falantes de sua língua, para designar a própria aldeia, isto é, a aldeia de nascimento e a aldeia em que residem, o que pode ser traduzido por meu lugar, minha casa ou mesmo lar. (SANTILLI, 2007, p. 29)



“Demarcação” e o outro, o maior, é conhecido por “Homologação”.

Foi nestes malocões e em torno deles que os cinco dias de festa transcorreram, com destaque para a presença de convidados ilustres, como o presidente da república, Luis Inácio Lula da Silva e sua comitiva.

De acordo com informações do CIR, órgão responsável pela coordenação do evento, inclusive e especialmente, a parte jornalística -, havia 30 jornalistas cadastrados para a cobertura do evento. Destes eram imprensa nacional -10, imprensa local, 7 e 13 da imprensa internacional. Além disso, nem todos os presentes faziam parte de órgãos de imprensa, havendo registros de produtores independentes de documentários e filmes.

1.1 Critérios da notícia e o incidente nas relações entre mídia e assessoria

É sabido que a notícia, embora de difícil definição, é a matéria-prima do jornalismo. A publicação dos fatos é que tem o poder de visibilidade. E todos dependem deste produto, a notícia, para emitir valores, opiniões, definir planos de ação, investimentos, projetos de governo.

É particularmente evidente que o que sabemos sobre numerosos assuntos de interesse público depende enormemente do que nos dizem os veículos de comunicação. Somos sempre influenciados pelo jornalismo, e incapazes de evitar esse fenômeno”, (William L. Rivers e Wilbur Schramm, apud Mário Erbolato p. 51).

A informação da atualidade reflete a realidade que nos cerca, num processo através do qual surge a opinião pública, explica Angel Benito (apud Erbolato p. 51). E o serviço de informação é essencial para o homem e para o tecido social que compõem o grupamento humano, numa busca constante por informação.

Portanto, é incontestável que este tema é notícia, não apenas para o Estado de Roraima. O assunto também gera interesse por parte de segmentos diversos em todo o mundo, sobretudo ligados às questões indígenas. Entre Organizações não Governamentais, organizações ligadas aos direitos indígenas, cientistas, cineastas e, claro, jornalistas, todos têm interesse no tema.

Critérios elementares para definir a importância de uma notícia podem ser listados respeitando, de acordo com Mário Erbolato: a originalidade, a proximidade e marco geográfico; a importância; expectativa; o interesse ou impacto, especificando que quanto



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é; apelo, ou seja, quanto maior a curiosidade que uma notícia possa despertar, mais peso ela tem; além de empatia e proximidade. Este é o fato que se pretende destacar, pois quanto maior a proximidade geográfica entre o fator gerador da notícia e o leitor, mais importante ela se torna. (2003, p. 60 a 65).

Dessa forma, destaca-se uma questão que gerou polêmica por parte da imprensa, sobretudo dos órgãos locais de comunicação: a exigência da organização indígena (CIR) de cessão de direito de imagens do evento, que seriam cedidas por apenas seis meses e deveriam ser copiadas e entregues à coordenação de comunicação. Essa atitude foi vista por alguns jornalistas dos meios de comunicação do Estado, inscritos para a cobertura da festa, como uma forma de censura e controle, havendo quem se recusasse a dar continuidade ao trabalho. A medida foi revertida pelo gabinete da Presidência da República, pouco antes do início do auge da festa, na manhã do dia 19 de abril.

Em relação à postura tomada pela organização do evento, no que indica as tensões entre jornalistas e assessores de imprensa, consideramos o que Eugenio Bucci lembra que o código de Ética de Jornalismo, em sua nova versão, aprovada em Congresso da categoria em 2008, estabelece no artigo 4, que: “ O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação”⁹⁷. Ele ainda faz um questionamento se esse princípio normativo tem validade também para os assessores de imprensa e diz que a resposta é duvidosa, parece ser negativa, de acordo com o próprio código e destaca a evidência dessa ambigüidade que aparece, também no artigo 4, inciso I, onde diz que o jornalista deve:

[...] ressalvadas as especificidades da assessoria de imprensa, ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas.

Em contrapartida, Chaparro defende como avanço a experiência brasileira de profissionais da imprensa atuando como fontes, em assessoria de imprensa, sendo

⁹⁷ Artigo O que é ser jornalista?, Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 03 de jun de 2010



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

reconhecidos como jornalistas. Essa discussão, para o autor, remete ao fato de que o jornalista é um educador, organizando as relações entre jornalistas assessores de imprensa e jornalistas das redações. Para ele, atuando em campos diferentes, “mas em função de um objetivo maior, comum, o da confiabilidade da informação, da análise e da elucidação jornalística”⁹⁸.

Para defender e preservar a confiabilidade do jornalismo – como processo e linguagem – é preciso que os próprios jornalistas se comportem como tal, qualquer que seja o lugar ou a instância em que atuem. Quem está nas redações, que não se limite à reprodução do que as fontes dizem e fazem, mas que, sem a destruição dos discursos particulares, faça aflorar os conflitos que interessam à construção da democracia. Quem atua nas fontes, que assuma o seu papel e a sua responsabilidade de interface honesta e criativa entre quem produz os fatos e quem os deve relatar e comentar para a sociedade.

1.2 A pesquisa com os jornalistas

Foram aplicados onze (11) questionários durante a festa dos “Filhos de Makunaimi”, por ocasião da cerimônia oficial, com a presença do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A distribuição dos questionários foi feita de forma aleatória para os jornalistas integrantes da cobertura. Com doze perguntas, as questões foram de múltipla escolha, sendo oito (8) fechadas e quatro (4) com espaço para comentários. Os questionários não foram identificados.

Como as questões de mediação e de contato entre os profissionais da imprensa oferecem um nível de complexidade maior, sobre o qual um questionário dificilmente poderia dar respostas mais profundas, optou-se por extrair deste instrumento metodológico apenas algumas inscrições que ajudassem a traduzir, pelo trabalho técnico, o lugar do jornalismo nesse tecido social.

De acordo com as respostas obtidas, preferiu-se abordar neste artigo as questões pertinentes à cobertura do evento. Assim, os questionários identificaram que a televisão foi o veículo mais presente, com seis (6) repórteres, seguido de rádio e impresso, com três (3) jornalistas cada um, sendo que revista e internet tiveram apenas dois (2) jornalistas de cada

⁹⁸ Blog “O Xis da Questão”, de Manuel Chaparro. Disponível em <http://www.sinprop.org.br/Clipping/2005/296.htm>. Acesso em 08 de jul. 2010.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

veículo, respectivamente. Apenas um questionário registra a cobertura para duas mídias: rádio e impresso.

A maioria dos jornalistas respondeu não conhecer até então a comunidade Maturuca, local onde foi realizada a festa. Apenas quatro (4) já conheciam o local, contra sete (7) que disseram não conhecer. Isso cria uma expectativa acerca do ambiente e das condições disponíveis para trabalhar, tais como infra-estrutura para produção e envio de dados, por exemplo.

Quanto a um dos princípios básicos da cobertura jornalística, que refere-se a pauta, seis (6) responderam não ter sido pautados pelo veículo. Apenas cinco (5), responderam que foram pautados. Na pergunta seguinte, oito (8) responderam não ter mudado a pauta recebida, um (1) respondeu ter mudado e dois (2) não responderam.

A pesquisa também determinou quais as fontes são utilizadas pelos jornalistas para obter informações sobre a Raposa Serra do Sol. Foram dadas cinco opções: três (3) responderam que se informam através da imprensa internacional; seis (6) através da imprensa nacional; três (3) pela imprensa de Roraima e sete (7) pelo site do CIR. Cinco (5) responderam Outros. Seis (6) marcaram mais de uma alternativa.

Em relação às exigências da coordenação de comunicação sobre as imagens produzidas durante a festa, quatro (4) se disseram satisfeitos com a medida; três (3) responderam estar Nem satisfeito nem insatisfeito; e 2 Insatisfeito e Muito insatisfeito. Cada um com uma resposta em cada questão. Estas respostas parecem contraditórias, já que se referem ao cerceamento de utilização do material produzido.

Para explicar tal fato, é pertinente relatar que no início da festa ocorreu um fator determinante: Durante a manhã do dia 19 de abril, quando da aplicação do questionário, a exigência de restrição de uso das imagens foi revista. Sua utilização foi liberada, após determinação do gabinete da Presidência da República. Embora os repórteres tenham ido ao evento após assinar o termo de compromisso de restrição de uso, havia claramente um conflito nessa decisão.

Avalia-se que as respostas, que registram uma contradição, traduzem esse momento. De acordo com o CIR, a decisão de restrição de uso das imagens partiu das lideranças de algumas comunidades ligadas à região onde foi realizada a festa, a região das serras. A coordenação do evento foi dividida entre diferentes grupos, responsáveis por cada



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

etapa da festa, como por exemplo, a comunicação.

De acordo com entrevista concedida após o evento, o assessor de imprensa do CIR, Jessé de Souza, relata que a cobertura não alcançou a amplitude esperada, detendo-se mais na repercussão local e institucional, sobretudo pelo gabinete da Presidência da República. Quanto aos documentários e filmes, a repercussão só será feita posteriormente, uma vez que, esse tipo de registro requer mais tempo para ser editado e divulgado. O CIR destaca a ampla cobertura dada pela imprensa local. E reconhece a importância da Assessoria Oficial da Presidência da República que transmitiu a festa.

Considerações Finais

As festividades tiveram como característica mais forte a expressão cultural das etnias presentes, contemplados pela riqueza cultural dos povos indígenas de Roraima, numa reafirmação dos seus valores culturais. Comemorar através dos cantos e danças tradicionais, como por exemplo, a dança do parixara⁹⁹. Um rito alegre, simbolizando a expressão de um momento histórico, festejando a reconquista da terra que para eles significa a revalorização da cultura e retorno da dinâmica social tradicional dos povos¹⁰⁰.

Retomar uma área como a Raposa Serra do Sol, significa a certeza da volta da terra-mãe, de acordo com suas crenças. A festa foi uma expressão de revalorização de costumes, línguas, crenças, danças e tradições que faz ressurgir a auto-estima, o sentir-se gente. A homologação da Raposa Serra do Sol reforçou esse processo.

Dessa forma, as lideranças indígenas hoje priorizam nas comunidades a cultura dos antepassados, que estava caindo no esquecimento. Atualmente se percebe uma valorização cada vez maior do trabalho dos pajés, das músicas e festas, das pinturas e do artesanato. No dia-a-dia e nas festas, consome-se a bebida tradicional, o caxiri¹⁰¹.

A hibridação das culturas trouxe para o meio dos povos indígenas o forró, dança trazida pelos nordestinos, a maioria dos migrantes do Estado. Os indígenas já assimilaram o estilo musical, formando suas próprias bandas musicais, como a banda “macuxi na cuia”, que inclusive apresentou-se no evento. As letras são voltadas para relatos indígenas,

⁹⁹Dança tradicional do povo macuxi, uma das maiores etnias do Estado, geralmente realizada em solenidades festivas, com a presença de convidados, que são chamados a participar da dança.

¹⁰⁰NBR (TV oficial do Governo Federal), ao vivo, via satélite

¹⁰¹Bebida fermentada tradicional, feita de mandioca.



tratando do cotidiano e da luta dos povos. Isso demonstra que a batalha pela sobrevivência da sua cultura está ativada

Todavia, se compreende que essa questão envolve fatores étnicos, culturais, sociais e antropológicos, temas amplos e complexos, que vão além dos objetivos deste trabalho. O fato é que o CIR ocupa hoje um espaço político importante na representatividade dos direitos e interesses dos povos indígenas diante da sociedade local, nacional e internacional. Os principais resultados da organização foram a libertação das comunidades indígenas da opressão dos fazendeiros, a afirmação das identidades culturais dos diferentes povos e a reconquista territorial.

Além do registro da festa pela diversidade de meios de comunicação presentes, faz-se notar que a realidade da imprensa roraimense nem sempre reporta os povos indígenas como protagonistas de sua história. Há relatos de preconceito e controle por parte de grupos políticos que detém os maiores meios de Comunicação,

Porém, os meios de comunicação em Roraima estão se diversificando, e nos últimos dez anos, ampliou-se o número de canais de rádio, jornais impressos e, timidamente, veículos on-line. O jornalismo em Roraima está em desenvolvimento, ainda com forte teor institucional, numa economia onde o governo estadual é a maior fonte de renda.

Há um número maior de rádios e televisões, estas últimas com uma programação local bastante diversificada, distribuída sobretudo entre o jornalismo. Nos veículos impressos, muitas notícias ganham projeção nacional, como o “Escândalo dos Gafanhotos”, em 2004; o escândalo da pedofilia em 2008 e, mais repetidamente, as questões indígenas, prioritariamente em relação às reservas indígenas. O caso da Raposa Serra do Sol é o que ultimamente, recebeu maior destaque. Há muito ainda a percorrer, para desenvolver um jornalismo independente e mais crítico, com linguagem objetiva e maior análise e interpretação dos fatos.

No que se refere a relevância e ao interesse, estes podem ser considerados como os atributos de definição do jornalismo. Só é notícia o relato que projeta, desperta ou responde a interesses. Esse atributo de definição pode alcançar maior ou menor intensidade, dependendo da existência, em maior ou menor grau, de atributos de relevância no conteúdo (CHAPARRO, 1994 p. 119).



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Esse conceito pode servir como base para o relato do assessor de imprensa do CIR, quando reclama da pouca divulgação dada à festa de homologação, embora tenha se declarado satisfeito com a cobertura local. As exigências feitas pela coordenação do evento aos veículos de comunicação tiveram a conotação de censura, e vão de encontro aos preceitos do jornalismo, da liberdade de informação. Essa atitude, embora tendo sido tomada por uma parte da coordenação do evento, como foi apurado nesta pesquisa, coloca os profissionais de imprensa em posição de não merecedores de confiança, de não poderem exercer seu papel profissional com isenção.

De resto, esta é uma queixa feita pelas próprias comunidades ao se referir a parcialidade dos veículos de comunicação locais ao tratar das questões indígenas. A queixa é que estes veiculam a visão institucional do governo estadual e empresários, em detrimento dos valores étnicos, uma visão que nega o direito à terra como valor fundamental da cultura dos povos indígenas.

Aqui, pretende-se levantar, como questionamento, os motivos para este comportamento, transformado em ciclo vicioso, onde a resistência dos indígenas ampara-se na história de escravidão e exploração, que formam um elo da questão. Por outro lado, o discurso desenvolvimentista de utilização das terras para pecuária e agronegócio, defendido pelo governo estadual, empresários, fazendeiros e alguns veículos de comunicação de Roraima, que colocam a causa indígena como a responsável pelo processo de estagnação econômica.

Com a homologação das terras indígenas abre-se uma nova possibilidade de diálogo, num longo e difícil processo. Porém, entende-se que o avanço só pode ser alcançado a partir da mudança de comportamento entre os dois discursos, onde os limites e interesses de cada parte sejam respeitados.

Referências bibliográficas:

BUCCI, Eugênio. **Artigo: O que é ser jornalista?** Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 03 de jun de 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** São Paulo: Editora Summus, 1994.

_____. “O Xis da Questão”. Disponível em <http://www.sinpropr.org.br/Clipping/2005/296.htm>. Acesso em 08 de jul. 2010.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em jornalismo, redação, captação e edição de jornal diário.** São Paulo: Editora Ática, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1992.

MATA, Raimundo Possidônio C. e TADA Cecília (Orgs): **Amazônia, Desafios e Perspectivas para a Missão.** São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

MAGALHÃES, Manuel Vilela de. **Produção e difusão da notícia.** São Paulo: Editora Atlas 1979.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político.** São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MELO, José Marques de. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI.** Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista11/projetos%2011-1.htm>. Acesso em 05 de março de 2014.

MONTERO, Paula (Org.). **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural.** São Paulo: Globo, 2006.

MORAIS, Vângela M. I de. **Filhos de Deus e netos de Makunaima. Apropriações do catolicismo em terras Makuxi.** Tese de doutorado em Sociologia. Fortaleza: UFC, 2013.

SANTILLI, Paulo. **Pemongon Patá: território Macuxi, rotas de conflito.** São Paulo: UNESP, 2001

SILVA, Antonia Costa, Dissertação de Mestrado em Educação: **Educação Indígena Makuxi pelas Ondas da Fm Monte Roraima (2003-2008).** Manaus: UFAM, 2009. **Jornal Vira Volta. Movimento Nós Existimos.** Edição janeiro 2009

WARREN, Carl N. **Gêneros periodísticos informativos.** Barcelona: A.T.E, 1979 p. 487.





**3º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

O percurso da mídia impressa no Pará: uma viagem até Cametá do século XIX¹⁰²

Jessé Andrade Santa BRÍGIDA¹⁰³

Lorena Saraiva da SILVA¹⁰⁴

Thaís Christina Coelho SIQUEIRA¹⁰⁵

Netília Silva dos Anjos SEIXAS¹⁰⁶

Resumo: A imprensa paraense, assim como a de outros estados do país, é repleta de lacunas em sua história. O artigo integra pesquisa maior que busca contribuir para estudos nacionais no campo da história da mídia. Para tanto, visa analisar os jornais do interior do Pará em prosseguimento aos estudos que são realizados sobre a imprensa da capital. O ponto inicial desta pesquisa é a cidade de Cametá (PA), que abrigou o primeiro jornal fora da capital paraense e o jornal de maior duração que não circulou na cidade de Belém, no século XIX. Cametá ainda se destaca por ser a cidade, depois de Belém, que mais apresenta acervo disponível para consulta na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém. A proposta é identificar os passos percorridos pela imprensa na cidade de Cametá no século XIX, para entender como a palavra impressa se desenvolveu no interior do Pará e quais os caminhos que tomou na sua consolidação no cenário Amazônico. Este artigo integra as pesquisas do projeto “A trajetória da imprensa no Pará”, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: Jornalismo; História da Imprensa; Pará; Cametá; Século XIX.

O presente artigo integra os estudos realizados no âmbito do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará” (SEIXAS, 2012), desenvolvido na Faculdade de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.¹⁰⁷ O projeto visa pesquisar a imprensa paraense, buscando preencher lacunas ainda existentes em relação aos 191 anos de seu percurso, e se

¹⁰² Trabalho apresentado no GT de Jornalismo, integrante do 3º Encontro Regional Norte de Pesquisadores da História da Mídia, 2014.

¹⁰³ Bolsista PIBIC-UFPA do projeto “A trajetória da imprensa no Pará”.

¹⁰⁴ Colaboradora do projeto.

¹⁰⁵ Bolsista PIBIC-UFPA do projeto.

¹⁰⁶ Coordenadora do projeto.

¹⁰⁷ O projeto “A trajetória da imprensa no Pará” é apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal 2012.



somar aos estudos sobre a história da mídia no Brasil.

Na perspectiva de estudar e analisar os passos dessa imprensa, o projeto busca entender como se deu o desenvolvimento dos periódicos nos municípios do interior do Estado do Pará. No levantamento dos dados, foi usada a ficha de análise desenvolvida pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR), com a finalidade de identificar o formato gráfico e de conteúdo dos jornais, bem como de sistematizar os dados.

Neste estudo, foram utilizados os dados colhidos em relação à cidade de Cametá (PA), que possui o jornal mais antigo - *Teo-Teo* (1840) - do interior do Estado disponível para consulta, assim como o jornal mais duradouro - *O Commercial* (1882-1901) -, com 19 anos de publicação, com início no século XIX. A escolha da cidade se justifica também pela disponibilidade de outros periódicos à consulta no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém (PA). Este artigo é o ponto inicial da pesquisa, que ainda conta com dados de outras cidades do interior.

Percursos da imprensa no Brasil

As discussões a respeito dos impressos brasileiros iniciam no questionamento sobre qual foi o primeiro jornal a existir no Brasil, se a *Gazeta do Rio de Janeiro*, cujo primeiro exemplar circulou em 10 de setembro de 1808, ou o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito José da Costa em junho do mesmo ano, mas na cidade de Londres, portanto, muito distante de terras brasileiras. Também permeiam os estudos sobre a imprensa escrita no Brasil as questões econômicas, políticas e sociais, as quais são apontadas como as causas do atraso da circulação de jornais no país, sobretudo em comparação a outras colônias da América Espanhola (BARBOSA, 2010).

Para Morel (2008), nem o atraso, a censura ou o oficialismo sustentam uma explicação para a dificuldade de instalação da imprensa na época. De acordo com o autor, era grande o alcance dessa imprensa, seja ela combativa ou oficial.

(...) o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu num vazio cultural, mas em uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria. Ou seja, o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. A circulação de palavras - faladas, manuscritas ou impressas - não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estanque em um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa (MOREL, 2008, p. 25).

De acordo com o autor (2008), o padrão que a *Gazeta* seguia era semelhante ao das gazetas europeias do Antigo Regime, caracterizadas por “circular na esfera do estado absolutista, campo de disputas simbólicas e não de referências monolíticas” (MOREL, 2008, p.30-31).

É importante recordar que alguns estudiosos, como Marialva Barbosa (2010), enxergam os documentos redigidos antes do primeiro jornal brasileiro como práticas jornalísticas, os quais continham informações reais a respeito da colônia portuguesa na América. No entanto, como explica Barbosa (2010),

(...) só existe imprensa, no sentido estrito do termo, a partir do momento em que a transmissão de informações regular se torna pública, ou seja, acessível ao público em geral. Até então as novidades ou opiniões publicadas, sem qualquer regularidade, não eram transformadas em notícias. Existe troca de informações, mas não existe imprensa. Só há imprensa quando a ideia do público como espécie de abstração-concreta se torna o desejo dominante das publicações. Não importa que tipo de público: se os próprios jornalistas, se os poderosos do reino, se os comerciantes e os militares de altas patentes. Há jornalismo quando há publicização no sentido mais amplo do termo (BARBOSA, 2010, p. 20).

Nesse sentido, a autora (2010) vai caracterizar a *Gazeta do Rio de Janeiro* como periódico oficial, uma vez que inaugurou a impressão no país, passando a imprensa a alcançar um público maior. No entanto, o conteúdo dessas publicações era limitado pelos interesses do Estado, pois tinha sua manutenção ligada aos privilégios da Imprensa Régia. Mesmo assim, a *Gazeta* já noticiava assuntos do cotidiano fluminense e de interesse da população. O modelo de jornalismo desse periódico iria inspirar grande parte dos jornais que dominaram o Brasil no século XIX (COELHO, 2008).

Já o *Correio Braziliense* era um jornal clandestino que trazia questionamentos e fazia críticas ao sistema colonial, sofrendo, por esse motivo, restrições e perseguições do governo português. Barbosa (2010) define esse o marco do que ainda hoje se pode perceber no jornalismo brasileiro: a oposição entre a imprensa oficial do Estado e o